



Análise do Discurso na nova Ecologia das Mídias: o caso da *live stream* de Jair Bolsonaro

Discourse Analysis in the new Media Ecology: The case of Jair Bolsonaro's live stream

Análisis del discurso en la nueva ecología de los medios: el caso de la transmisión en vivo de Jair Bolsonaro

Arthur Freire Simões Pires

Jornalista e doutorando, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
grohsarthur@gmail.com e arthur.simoes@edu.pucrs.br

Cristiane Mafacioli Carvalho

Publicitária e professora, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
cristiane.carvalho@pucrs.br

Resumo

O estudo objetiva estender a teoria dos gêneros midiáticos para o novo contexto tecnológico que a sociedade vive, refletindo sobre suas transformações. De natureza teórica e cunho exploratório, este estudo tem seu lastro no diálogo das matrizes conceituais sobre Análise do Discurso e Ecologia das Mídias. Após o levantamento bibliográfico e com base nos conceitos elencados, realiza a análise crítica ao observar e detalhar fenômeno comunicacional que é a *live stream* política, tomando como epítome a “live de quinta”. Foi observado que a *live* política se diferencia dos demais gêneros midiáticos ainda que possua semelhanças. Como principais atributos, esta nova categoria se caracteriza por ser centrada em uma figura, que atua como protagonista e fio-condutora de narrativas, consolidando, enfim, um cenário em que o meio é, cada vez mais, a mensagem.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ecologia das Mídias; gêneros midiáticos.

Abstract

The study aims to extend the theory of media genres to the new technological context that society lives, reflecting on its transformations. Of theoretical nature and exploratory nature, this study is based on the dialogue of conceptual matrices on Discourse Analysis and Media Ecology. After the bibliographic survey and based on the listed concepts, it performs a critical analysis by observing and detailing the communicational phenomenon that is the political live stream, taking as an epitome the "live from Thursday". It was observed that the political live differs from other media genres even though it has similarities. As main attributes, this new category is characterized by being centered on a figure, who acts as a protagonist and conductor of narratives, finally consolidating a scenario in which the medium is, increasingly, the message. **Keywords:** Discourse Analysis; Media Ecology; media genres.

Resumen



The study aims to extend the theory of media genres to the new technological context that society lives, reflecting on its transformations. Of theoretical nature and exploratory nature, this study is based on the dialogue of conceptual matrices on Discourse Analysis and Media Ecology. After the bibliographic survey and based on the listed concepts, it performs a critical analysis by observing and detailing the communicational phenomenon that is the political live stream, taking as an epitome the "live from Thursday". It was observed that the political live differs from other media genres even though it has similarities. As main attributes, this new category is characterized by being centered on a figure, who acts as a protagonist and conductor of narratives, finally consolidating a scenario in which the medium is, increasingly, the message.

Palabras clave: Análisis del discurso; Ecología de los Medios; géneros mediáticos.

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Como paradigma, o universo tecnológico está em constante mudança e, ao passo que um novo dispositivo é inserido no cotidiano, tudo muda. Deste modo, o expediente do grande campo das Ciências Humanas, debruça-se a esmiuçar estas alterações, fazer previsões dos possíveis reflexos e de como o rompimento do status quo tem se relacionado com a humanidade e seu habitat. A reflexão sobre o campo teórico, por óbvio, não está alheia a todas estas transformações sistêmicas.

Lastreado em um esforço epistemológico com este intuito – de compreensão do *status quo* da comunicação social política em se tratando dos gêneros midiáticos provenientes da contemporaneidade – este trabalho, que parte dos escritos do linguista francês Patrick Charaudeau (2018), tem como objetivo observar um epítome dos novos tempos na encenação política; isto é, a *live stream* política. Toma-se como ponto de partida a redação da obra *Discurso das Mídias*, que foi quando Charaudeau buscou não apenas distinguir os gêneros midiáticos, como também salientar algumas de suas características mais marcantes. Ainda que o texto não tenha sido atualizado, em meio as inovações tecnológicas, tais como a ascendência e a dominância da internet e o mundo digital, resta aos pesquisadores darem continuidade ao pensamento do intelectual francês estendendo e revisando seu arcabouço teórico nos novos contextos midiáticos.

A discussão tecnológica, é preciso que se diga, não é o cerne do argumento de Charaudeau (2018), não obstante os pontos convergentes – sejam eles explícitos ou não. Não é possível desassociar que quando o tópico de exame é a Comunicação Social, o universo é, de maneira permanente, atravessado por diferentes tecnologias. Quando se fala em jornal, rádio, televisão, palanque, microfone, comício, e assim sucessivamente, está se falando também em mídias e elas possuem impacto direto na formação do discurso, como

argumentaram o já citado linguista francês e os teóricos da tradição ecológica das mídias (MCLUHAN, 1993; STRATE, BRAGA, LEVINSON, 2019). Sendo assim, julga-se necessário realizar aproximações teóricas entre os campos da Análise do Discurso e da Ecologia das Mídias¹ na tentativa de alcançar o objetivo ao qual este trabalho pretende encaminhar.

O objeto de exame, o epítome da comunicação política fruto do novo ecossistema de mídias, é um acontecimento empírico, ainda que este texto tenha objetivos teóricos. Em movimento inédito, Jair Bolsonaro, após eleito presidente da República (2019-2022), rechaça os veículos tradicionais e tenta criar um meio pelo qual possa se comunicar com o eleitorado sem intermediários e, para isso, opta por utilizar suas redes sociais. O conteúdo que outrora seria destinado à televisão, ao jornal ou ao rádio, passa a ter exclusividade das redes sociais nos perfis do presidente no Facebook e YouTube. Ainda que existam similaridades com outros gêneros midiáticos, as diferenças marcam a necessidade de compreender a *live* política como uma nova categoria, pelo caráter idiossincrático que possui.

É exatamente neste espaço não determinado dos gêneros que este trabalho visa operar. Para tanto, o presente escrito está organizado com vistas a dar conta dos seguintes aspectos: **1) Redes sociais e *live streams***, em que descreve-se um breve histórico das redes sociais digitais para fins de contexto, bem como aborda o atual fenômeno das *live streams*; **2) Das rupturas populares e políticas ao auge do bolsonarismo**, que apresenta o contexto em que os discursos em análise se encontram; **3) Ecologia das Mídias**, que destaca dos aspectos relevantes da proposta teórica advinda de Postman; **4) Uma teoria do gênero midiático na Análise do Discurso**, que apresenta o levantamento de conceitos sobre a Análise do Discurso de Charaudeau; e **5) Aspectos sobre a configuração da “*Live de quinta*”**, em que realiza-se o desenvolvimento da análise e argumentação do estudo.

2. REDES SOCIAIS E LIVE STREAMS

É comum referir-se às redes sociais virtuais contemporâneas simplesmente como rede social. Ainda que o termo seja passível de debate, como apresentou Martino (2014, p. 58), deve-se ter em mente que “o princípio de uma rede social é a natureza relacional de sua composição, definida por vínculos fluidos, flexíveis, e pelas várias dinâmicas dessas relações”.

¹ Optou-se por seguir o que sugere a professora Adriana Braga e utilizar a palavra “meio” sempre como singular e “mídias” sempre no plural; elas são, respectivamente, traduções de *medium* e *media*.

Recuero (2009) diferencia mais claramente o recorte do qual se trata neste artigo, chamando esses meios de sites de redes sociais (SRS). Para a autora, uma característica bastante definitiva deste tipo de site é possibilitar a expressão das redes sociais. Ela elabora ainda uma categorização baseada nos aspectos de funcionalidade, mas nenhum dos exemplos ignora essa norma do permitir expressar. A questão primordial a se ressaltar é que os SRS cresceram vertiginosamente nos anos 2000, fazendo com que a comunicação se transformasse em mais do que um suplemento, como aponta Martino (2014), mas em uma rede que virtualmente replica quase todos os tipos de interação e comunicação. Em outras palavras, o mundo passava a ser tão (ou mais) online do que físico.

As constantes inovações tecnológicas aceleraram os processos de renovação das tecnologias e a sobreposição de uma por outra (um bom exemplo disso é a quantidade de aparelhos lançados anualmente pelas fabricantes). Estas inovações logicamente afetam o mundo virtual, posto que o conteúdo presente na rede também passa por atualizações constantes.

Um dos fatos marcantes do ponto de vista deste artigo é a incorporação das ferramentas de *live stream* aos SRS. Facebook, Instagram, Twitter e YouTube adicionaram às suas plataformas a possibilidade de transmissões contínuas ao vivo (*live streams*). Não demorou muito para serem amplamente utilizadas (sobretudo no Brasil)².

Além de atrizes e atores, músicos e musicistas, cientistas e representantes dos mais diversos segmentos, o presidente da República Jair Bolsonaro de modo inédito decidiu dar início a uma tradição: todas as quintas-feiras ele realiza transmissões (com duração entre 60 e 90 minutos) para se comunicar de modo direto com a população. Trata-se de um marco pois as redes sociais foram alçadas a um rigor de comunicação que antes pertencia aos meios tradicionais. No entanto, antes de seguir nesta reflexão, entende-se que, como contexto, é necessário explicar a chegada de Jair Bolsonaro ao poder e compreender as dinâmicas discursivas internas a esse novo meio, como será feito nas próximas seções.

² Ver em <<https://forbes.com.br/negocios/2020/06/febre-das-lives-por-que-elas-sao-o-comeco-de-um-novo-mercado-no-brasil/>>,<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/06/interna_diversao_arte,861694/brasil-lidera-o-ranking-mundial-de-lives-no-youtube.shtml>,<<https://exame.com/revista-exame/o-mundo-e-uma-live/>>, e <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/inovacao/plataforma-de-lives-cresce-500-em-receita-na-pandemia,ae36631f24bcd88ccbd4967fa8b0276tfsnapi.html>>.

3. DAS RUPTURAS POPULARES E POLÍTICAS AO AUGES DO BOLSONARISMO

Desde 2013, acentua-se uma crise política no Brasil. Assim, descreve-se brevemente os eventos políticos que precederam o governo de Jair Bolsonaro (entre os anos de 2019 e 2022) (ALMEIDA, 2019; SOLANO 2019).

Pode ser dito que as tensões iniciais aconteceram contra o governo Dilma Rousseff, no fim de seu primeiro mandato, em 2013. Naquele momento, era possível ver reivindicações por demandas sociais, como passe livre para estudantes no transporte público e protesto contra a corrupção no país³ (ALMEIDA, 2019).

No ano seguinte, a representante do Partido dos Trabalhadores (PT) venceu o rival Aécio Neves (PSDB – Partido da Social Democracia do Brasil) e, logo no início de seu segundo mandato, deparou-se com uma pressão de seus opositores no legislativo por meio de um pedido de impeachment. A insatisfação popular crescia com casos de corrupção revelados por uma operação sigilosa (a Operação Lava-Jato) (ALMEIDA, 2019; CIOCCARI, 2019; SOLANO, 2019). O cenário se torna mais conturbado no que toca a representante petista, uma vez que a operação policial supracitada se concentrou em correligionários da presidenta. Consequentemente, isso afetou como os veículos de comunicação de massa trabalhavam a agenda política nacional. O resultado foi uma queda significativa na base de apoio de Dilma Rousseff. (CIOCCARI, 2019). Com o pedido de impeachment aprovado e posteriormente sacramentado, Dilma Rousseff foi retirada do cargo da presidência sem perder os direitos eleitorais. Enquanto isso, seu vice-presidente Michel Temer (MDB – Movimento Democrático Brasileiro) tornava-se o presidente em exercício, porém, com seus direitos eleitorais cassados⁴.

A instabilidade social aumentou entre 2013 e 2018 (ano da eleição seguinte). Os números de desemprego cresciam, enquanto a moeda brasileira (o real) se desvalorizava. Portanto, a arena política entrava em ebulição com o cenário acirrado (ALMEIDA, 2019; BASTOS, 2017; CARVALHO, 2018; SOLANO, 2019). Na sequência, as alas da sociedade identificadas com ideologias à direita e à extrema direita passaram a ser cada vez mais vocais. Na eleição nacional seguinte, o nome favorito, o qual vinha manifestando seu desejo de concorrer ao cargo máximo da federação, era o de Jair Bolsonaro. Alguém que

³ Ver em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-falou-em-inviabilidade-da-tarifa-zero-diz-movimento-passe-livre.html>> e <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-defende-protestos-e-diz-que-governo-ouve-vozes-pela-mudanca.html>>.

⁴ Ver em <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-37237513>> e <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-08/senadores-decidem-que-dilma-pode-exercer-funcao-publica>>.

declaradamente se manifesta como um religioso catolicista, conservador, *outsider* e à direita, além de manifestar sua admiração por Donald Trump e pelos ditadores brasileiros com frequência⁵ (ALMEIDA, 2019; BASTOS, 2017; CARVALHO, 2018; SOLANO, 2019).

Destaca-se que o termo *outsider* é importante para o presente trabalho, uma vez que é percebido o momento conturbado político vivido pelo país, emerge uma figura que se declara um político anti-político e não-político. Bolsonaro, ao longo da carreira como parlamentar, distanciava-se dos seus pares e ímpares no legislativo, ou seja, fomentava sua própria imagem como uma figura incorruptível e ideologicamente inflexível, sólida.

Ainda que eleito, o cenário econômico brasileiro não melhorou. O real seguia desvalorizado e, politicamente, o presidente demonstrou tensões constantes com a imprensa e com parte do eleitorado⁶. Apesar de cumprir com alguns compromissos de campanha (como facilitação de compras de armas), Bolsonaro teve frequentes trocas ministeriais (muitas por conta de polêmicas e escândalos, como fraudes), o que acabou expondo parte dos problemas de seu modo de governo⁷. Além disso, tanto ele quanto seus filhos⁸ eram investigados em diferentes frentes pela Justiça⁹ e o presidente encerrou a operação Lava-Jato por considerar que não havia mais corrupção – mesmo que sem indícios para tanto.¹⁰

Mais do que uma crise política e social, o Brasil passou também a enfrentar uma crise de saúde durante a pandemia do vírus COVID-19. Ao invés de adotar as medidas profiláticas e endossar o que diziam os pesquisadores especialistas, Bolsonaro se notabilizou como um negacionista. De modo que foi contra o uso de máscara, classificou a pandemia como “gripezinha” e advogou em prol de medicamentos sem eficácia comprovada (ARRUDA, 2021; ROSÁRIO, 2020).

⁵ Ver em <<https://www.reuters.com/article/us-brazil-politics-bolsonaro-interview/far-right-presidential-hopeful-aims-to-be-brazils-trump-idUSKCN1C2384>>, <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1925458-bolsonaro-diz-que-e-liberal-e-adota-discurso-que-agrada-investidores.shtml>>, <<https://www.theguardian.com/world/2018/jan/14/brazil-jair-bolsonaro-energy-drink-bolsomito>>, <<https://www.theguardian.com/world/2018/apr/19/jair-bolsonaro-brazil-presidential-candidate-trump-parallels>> e <<https://www.opendemocracy.net/en/democraciaabierta/bolsonaro-and-brazilian-far-right/>>.

⁶ Ver em <www.jornaldocomercio.com/_conteudo/politica/2019/08/699544-bolsonaro-ataca-a-imprensa-e-diz-que-jornal-vai-fechar.html>, <fenaj.org.br/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-ja-somam-111-ocorrencias/> e <www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/crise-derruba-popularidade-de-bolsonaro-aponta-datafolha.shtml>.

⁷ Ver em <www.poder360.com.br/governo/com-24-mudancas-bolsonaro-perde-so-para-temer-e-itamar-em-troca-de-ministros/>.

⁸ Ver em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52419855>>, <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/jair-bolsonaro-agora-tem-os-filhos-01-02-03-e-04-sob-investigacao.shtml>> e <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57730263>>.

⁹ Ver em <epoca.globo.com/brasil/seis-frentes-de-investigacao-que-envolvem-familia-bolsonaro-24156976>.

¹⁰ Ver em <g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/07/bolsonaro-diz-que-acabou-com-a-operacao-lava-jato-porque-governo-nao-tem-mais-corrupcao.ghtml>, <congressoemfoco.uol.com.br/corrupcao/ex-lava-jato-diz-que-bolsonaro-acabou-com-operacao-por-medo/> e <www.bbc.com/portuguese/brasil-54472964>.

Para encerrar esta seção, as tensões de Bolsonaro com a imprensa são as mais relevantes para o presente trabalho. Ainda em 2019, o presidente anunciou que faria *live streams* todas as quintas-feiras em suas mídias sociais (Facebook e YouTube) com o intuito de eliminar o intermédio entre ele e o povo¹¹. É justamente neste espaço que será feita a análise, uma vez que o personagem em questão está em seu “habitat natural” midiático.

4. ECOLOGIA DAS MÍDIAS

No *Dicionário de Ecologia e Ciências Ambientais*, a definição de ecologia ancora-se na vertente que se debruça sobre as relações entre organismos vivos tal qual a destes organismos e seus ambientes (ART, 2001). Foi a partir de uma alegoria com esta noção denotativa da Biologia que Postman (1970, 2000) elaborou o termo “ecologia das mídias” e, segundo ele, o objetivo inicial referia-se a entender o impacto das tecnologias com o intuito de definir se aquele determinado ecossistema de mídias melhoraria ou pioraria a vida humana. Os objetivos, contudo, foram alterados pela influência de um dos principais estudiosos desta vertente teórica, Marshall McLuhan. Com o tempo, o interesse de pesquisa estava mais direcionado ao aspecto de como as novas tecnologias afetam o uso das antigas, as interações, as formas de pensamento e assim por diante¹² (POSTMAN, 1970, 2000).

Assim sendo, Postman (1970) explica que, quando se opta por uma investigação com a vertente ecológica das mídias, a pesquisa visa compreender como os meios de Comunicação estruturam o que pode ser dito e visto. Além disso, como eles atribuem papéis que devem ser desempenhados e, por fim, o que permitem às pessoas fazerem. Deste modo, parte-se do pressuposto de que

Toda ferramenta está impregnada de um viés ideológico, de uma predisposição a construir o mundo como uma coisa e não como outra, a valorizar uma coisa mais que outra, a amplificar um sentido ou habilidade ou atitude com mais intensidade do que outros (POSTMAN, 1994, p. 23).

Dessa forma, é importante pontuar que a origem desta perspectiva teórica nasceu no início da segunda metade do século XX, de acordo com o que apontaram Strate, Braga e Levinson (2019) e Martino (2014). Tendo como ponto de partida os trabalhos de Harold Innis

¹¹ Ver em <www.otempo.com.br/politica/jair-bolsonaro-anuncia-lives-no-facebook-todas-as-quintas-feiras-1.2146460>, <noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/11/07/bolsonaro-transforma-live-em-horario-eleitoral.htm> e <<https://paraibaonline.com.br/2020/11/bolsonaro-anuncia-lives-eleitorais-e-divide-opiniones-sobre-legalidade-da-acao/>>.

¹² Especialmente pelo fato de que, de acordo com Postman (1994), todo o tipo de tecnologia tem inevitavelmente um viés ideológico. Strate, Braga e Levinson (2019, p.24) acrescentam ainda que isso “predispõe uma construção de idéia de mundo específica, a valorização de certas coisas mais que outras, ainda que, dentro dessa nova ordem, outras clivagens se façam”.

e seu discípulo (já citado e que se tornaria mais relevante que o próprio mentor) Marshall McLuhan.

Uma vez que — com a evolução dos maquinários — os adventos tecnológicos transformaram a ecologia midiática, mais intelectuais passaram a se debruçar sobre as temáticas tratadas por esta teoria. Desde uma participação maior das pessoas no processo midiático (SHIRKY, 2011), até a transformação do processo midiático (DEUZE, 2012) e daí por diante — *grosso modo*, preocupavam-se com os elementos de reconfiguração do ecossistema de mídias.

Destaca-se, então, a contribuição de Paul Levinson (2019) ao refletir sobre as articulações de McLuhan para o cenário político estadunidense após a eleição de Donald Trump, do *Republican Party* (Partido Republicano). Salienta-se os esforços de Levinson sobretudo em razão de como o autor percebe a grande reconfiguração do mundo com a ascensão dos SRS. Em mais de uma obra, Levinson buscou explicitar como o ambiente político no mundo tem sido alterado (e agitado) por conta da mobilização social via SRS — como no caso da Primavera Árabe, para a qual o Twitter foi um ambiente de organização e contestação de governos autoritários.

Quando o autor observou a disputa entre Donald Trump e Hillary Clinton (*Democratic Party* – Partido Democrata), em 2016, notou múltiplas diferenças no que se refere à última eleição do país (que sagrou a reeleição de Barack Obama). A questão, segundo Levinson, concerne ao papel que os SRS consolidaram no período. Levinson (2019), inclusive, classificou Trump como “twittergênico”¹³.

O Twitter (e talvez até outros SRSs) adquiriu importância significativa uma vez que se tornou um espaço político de disputa enquanto meio (assim como outras mídias passam por espaço de competição dos agentes políticos). Do mesmo modo que McLuhan (1993) destacou a oratória de John Kennedy para a televisão na disputa contra Richard Nixon, Trump atuava no Twitter com maestria (LEVINSON, 2019, p. 190).

Entretanto, por mais que haja semelhanças entre as abordagens e posicionamentos políticos entre Bolsonaro e Trump (VISCARDI, 2020), o caso brasileiro na eleição de 2018 foi diferente do estadunidense em 2016. O ex-presidente dos EUA se recusava a falar com a

¹³ Para criar esta nomenclatura, o autor fez um jogo de palavras. Twittergênico faz alusão a “ficar bem” ou “cair bem” no Twitter, segundo Levinson (2019), de modo que a personalidade em questão se utiliza das mídias de modo natural com sua forma de comunicação. Em outras palavras, tal qual é fotogênico quem fica bem em fotos, é telegênico quem fica bem na televisão e, agora, twittergênico quem fica bem no Twitter.

CNN e a maior parte de suas manifestações aconteciam via Twitter¹⁴. Bolsonaro também se recusou a ser entrevistado em diferentes momentos, mas não se restringia a postagens em redes sociais.

Apesar de não se recusar a falar com veículos permanentemente, Bolsonaro fez agressões verbais a jornalistas em diferentes momentos de sua cronologia na vida política¹⁵. Parte de sua retórica é justamente dedicada a desacreditizar veículos jornalísticos e emplacar pautas pessoais com o mesmo *status* de notícia (GOMES, DOURADO, 2019).

A utilização das *live streams*, conforme explanado na seção anterior, começou a alterar o paradigma de comunicação do país. Uma vez que o presidente faz comunicados oficiais (em “espaços” nos quais jornalistas não podem fazer perguntas), as *lives* surgem como um mecanismo alternativo à narrativa midiática. Elas não possuem o intermédio dos veículos jornalísticos tão criticados por Bolsonaro e são orquestradas pelo próprio presidente.

Contudo, ainda que tenha virado uma marca registrada da forma de comunicação de Bolsonaro, a utilização da *live stream* na perspectiva do cenário político não teve o presidente do mandato 2019-22 como ponto de partida. O princípio desta reconfiguração de ecossistema foi motivado por membros da direita brasileira ainda em 2013, de acordo com os escritos de Alves dos Santos (2019) e Machado (2016).

Naquele momento, o músico Lobão fazia transmissões ao vivo com alguém que se tornaria o ideólogo da dita “Nova Direita Brasileira”, Olavo de Carvalho (CEPÊDA, 2018). A popularidade daquele período, como apontam os autores citados, cresceu em razão do pioneirismo desta maneira de se comunicar, galgando um espaço significativo no cenário político brasileiro. A diferença técnica é que as *lives* eram feitas através de *hangouts*, da plataforma Google, e divulgadas nos perfis de rede social dos envolvidos.

Pode ser dito, portanto, que a utilização desta ferramenta nos SRS no Brasil é, em seu aspecto prático, uma marca da forma de Comunicação de representantes de alas que representam ideologias de visão conservadora da sociedade, bem como liberalismo econômico. Isso não significa que esta ferramenta é utilizada apenas por este demográfico político, mas que há um protagonismo em seu uso.

¹⁴ Ver em <<https://www.youtube.com/watch?v=SOowX1CKf-M>>.

¹⁵ Ver em <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4933688-bolsonaro-volta-a-atacar-jornalistas-ridiculo-nasca-de-novo.html>>, <<https://www.dw.com/pt-br/em-ataque-%C3%A0-imprensa-bolsonaro-insulta-rep%C3%B3rter-e-a-manda-calar-a-boca/a-57986684>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=OuEZh6Zq-4c>> <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/idiota-bolsonaro-ataca-jornalista-que-o-questionou-sobre-deboche-com-CPF-cancelado/>>.

Resta, portanto, debruçar-se sobre esta nova configuração e perceber como este novo gênero midiático se qualifica e qual o impacto disso na formação do discurso de seus sujeitos. Para isso, é necessário discorrer sobre o que Charaudeau (2018) escreveu sobre este tema e isso será feito na próxima seção do estudo.

5. UMA TEORIA DOS GÊNEROS MIDIÁTICOS NA ANÁLISE DO DISCURSO

Durante sua obra sobre o discurso midiático, Charadeau (2018) dedicou um capítulo inteiro para discutir a questão do gênero midiático, acrescentando-o com seus próprios tipos. No decorrer daquela seção, o intelectual francês se debruçava sobre um paradigma tríplice, dividido em três instâncias: as mídias impressas, o meio radiofônico e o meio televisivo.

Deste modo, o autor se dedicou a compreender e conceituar como se articulava cada ambiente de mídias na construção de sentidos. Isso inevitavelmente acarreta algumas distinções básicas que devem ser ressaltadas. Por um lado, as mídias impressas não pressupõem aspectos dialógicos, não permite participar, não dá intervalos e não oportuniza a audiência fazer qualquer coisa que não seja ler. Por outro, as mídias televisivas e radiofônicas podem evocar aspectos de proximidade com seus interlocutores. Desde buscar a participação deles até se utilizar de elementos cotidianos das relações humanas como saudações e despedidas, algo que não é feito no impresso. Entretanto, a diferenciação primordial entre o rádio e a televisão está no uso de imagens. Este é um fator determinante, pois Charaudeau (2018) reforça que as imagens são parte indissociável da arquitetura discursiva.

Dentro destes gêneros do discurso midiático, reside a tipologia; salienta-se que “para construir uma tipologia é necessário operar uma escolha das variáveis que se decide levar em conta, pois é difícil construir uma tipologia com muitas variáveis” (CHARAUDEAU, 2018, p. 208). Então, visando evitar que se percam elementos importantes para cada texto de informação midiática, o autor utiliza-se de um plano cartesiano para estabelecer parâmetros de divisão. Deste modo, os eixos operam como critérios de posicionamento de cada tipo: um tipo pode ser (1) relatado, provocado ou comentado, (2) pode possuir maior ou menor engajamento e, por fim, (3) pode estar na instância interna, intermediária ou externa das mídias (CHARAUDEAU, 2018, p. 208). Esta explanação é impactante para o trabalho no que diz respeito a diferenciar teoricamente os diferentes tipos de *live stream* que existem. Conclui-se, assim, que a *live* de cunho político é essencialmente diferente de uma de cunho jornalístico ou musical, por exemplo. Não só pelo aspecto temático, mas por se posicionar em locais diferentes no esquema de Charaudeau (2018).

Em razão do objeto de análise deste estudo ser audiovisual, leia-se possui imagens e componentes sonoros, as mídias impressas e radiofônicas serão deixadas de lado. O enfoque será dado aos gêneros televisivos justamente pela semelhança dos formatos. O gênero televisivo carrega algumas marcas registradas consigo, como é o caso do telejornal, bem como se apossa de gêneros gerais¹⁶, como a conversa, o debate, a entrevista e o *talkshow*. A performance é um fator preponderante quando se fala em televisão, aponta Charaudeau (2018), logo as diferenciações acontecem justamente em como o espetáculo ocorre.

O primeiro paralelo a ser esboçado é o do telejornal, pois ele simula tanto a interação de âncoras/apresentadores¹⁷ com os interlocutores, como também expõe à audiência breves simulações de diálogos entre repórteres e pessoas do estúdio. É um gênero rico do ponto de vista teórico por oferecer diferentes peças jornalísticas: comentário-análise, entrevista, reportagem, notícia, editorial etc. Isso significa que as diferentes camadas discursivas dos sujeitos se sobrepõem no desenrolar do telejornal. Ora o espaço opinativo é anunciado, ora o espaço informativo e assim por diante, cada um com suas características próprias (CHARAUDEAU, 2018).

No caso do gênero de debate, o autor explica que o mediador, na realidade, não media, mas agita. Ele busca conduzir o evento de forma que torne o espetáculo televisivo mais ou menos conflitivo, sua participação tem menos a ver com o conteúdo e mais com a postura dos participantes e o embate, distribuindo a palavra e gerenciando as emoções do espetáculo (CHARAUDEAU, 2018). Ademais, Charaudeau (2018, p. 213-214) afirma que:

O bate-papo que os dois parceiros têm igualdade de *status*, que eles tratam do mesmo tema com uma competência que se supõe igual e com o cuidado de pôr essa competência a serviço da melhor compreensão do problema, o que tem por efeito tornar a alternância dos turnos de fala mais ou menos regular. A *conversa* não exige nada de particular quanto ao *status* dos participantes nem quanto ao tema tratado. Ela se caracteriza, ao contrário, por sua diversidade, pela possibilidade de mudar de tema sem ter necessariamente de se justificar, e por uma alternância na fala não controlada e não necessariamente igualitária de fato (...). A *entrevista*, ao contrário das outras duas, exige uma diferenciação de *status*, de modo que um dos parceiros seja legitimado no papel de “questionador” e outro num papel de “questionado-com-razões-para-ser questionado”. A alternância de fala se acha então regulada e controlada pela instância entrevistadora segundo suas finalidades.

Afora estes aspectos, o gênero televisivo carrega consigo um discurso para além da dimensão semântica, isto é, é composto simultaneamente pelas palavras e pelas imagens (ECO, 2015). Deste modo, a cognição do que o sujeito enunciador busca explicitar é captado

¹⁶ Leia-se, que não são exclusividade de um meio, mas que podem aparecer em mais de uma.

¹⁷ No jargão jornalístico, a diferença entre as duas atribuições está no fato que o âncora pode dissertar sobre os temas tratados, enquanto o apresentador se restringe a expor, a simplesmente apresentar.

por mais de um estímulo, pela união da voz falada e do conjunto de imagens apresentado (CHARAUDEAU, 2018). Por conta disso, Charaudeau (2018), explica que a imagem televisual tem três funções: de designação, de figuração e de visualização. Respectivamente, (1) apresentar o mundo como um igual da percepção midiática, a designação dá autenticidade ao que é narrado por conta de mostrar algo que é perceptível sem o meio; (2) reconstituir algo do passado de maneira artificial, a figuração simula por analogia algo que está presente no imaginário da realidade; e (3) a visualização “consiste em representar, através de um determinado suporte e de um determinado sistema de codificação, uma organização do mundo não visível a olho nu (através de representações gráficas, *closes* ou imagens virtuais)” (CHARAUDEAU, 2018, p. 226).

A palavra, por sua vez, possui cinco funções, de acordo com Charaudeau (2018): descrição-narração, explicação, testemunho, proclamação e contradição. Nestes casos, resumidamente, busca-se (1) apresentar o desenvolvimento do que é contado, (2) esclarecer algum fenômeno, (3) confirmar um acontecimento, (4) enunciar de modo performático algo a ser feito e (5) discordar. Cada texto de informação midiática do gênero televisivo busca provocar efeitos na audiência justamente pelo casamento entre imagem e palavra, por isso estes artifícios retóricos compõem este expediente midiático.

Nesse sentido, afirma-se que o discurso do gênero televisivo possui camadas que agem de maneira complementar. A construção de sentido acontece pela intersecção entre aquilo que as imagens tentam causar no público e tudo que é introduzido pelo discurso em seu aspecto semântico (CHARAUDEAU, 2018; ECO, 2015).

Uma das influências do trabalho de Charaudeau (2018) é notadamente os escritos do sociólogo canadense Erving Goffman (2014), em que ele argumenta sobre o papel dos sujeitos no palco que é o mundo e a vida cotidiana. Alguns dos pontos tratados pelo francês, dialogam com os da obra de Goffman, como o fato da cenografia e da indumentária dos envolvidos evocar conotações e salientar os papéis de cada ator em cena.

Por fim, acrescenta-se: ao observar os telejornais brasileiros, os âncoras/apresentadores costumam vestir-se com ternos, diferentemente dos repórteres, que carregam consigo o distintivo do veículo em seu uniforme. Essas sutis marcas posicionam cada um dos sujeitos presentes no processo de comunicação em papéis diferentes do espetáculo. Em outras palavras, a indumentária é parte deste expediente.

Apesar de Charaudeau (2018, p. 230-232) discorrer sobre a mistura de gêneros, as transmissões ao vivo na internet, em razão de questões temporais, não estavam contempladas,

como colocado anteriormente. Por conta disso, explicitou-se os pilares conceituais da Análise do Discurso que o sociolinguista Patrick Charaudeau elaborou sobre os gêneros do discurso midiático, como forma de traçar os paralelos para dar continuidade ao seu legado à área da Comunicação. Na seção seguinte, portanto, realizar-se-á o movimento de tensionar estas questões de gênero midiático discursivo quando se observa este formato contemporâneo, a *live stream* política a partir da “*live de quinta*” de Jair Bolsonaro.

6. ASPECTOS SOBRE A CONFIGURAÇÃO DA “LIVE DE QUINTA”

Esta seção do trabalho será dividida em dois momentos: em virtude de falar sobre a “*live de quinta*”, o primeiro movimento necessário a ser feito é o de descrever as características do objeto empírico (cenografia e como o formato acontece), para, no segundo momento, confrontar com os conceitos estudados. Deste modo, o fruto desta colisão resultará no produto da análise.

Antes disso, ao considerar o cabedal teórico erigido ao longo deste artigo, faz-se necessário pôr em evidência os aspectos interseccionais deles, de modo que se elucide também o dialogismo proposto em âmbito epistemológico. De um lado os aspectos formadores dos gêneros discursivos, elementos prosódicos, componentes da generalização daquela linguagem midiática, e, do outro lado, em seu turno, o amparo tecnológico que, em maior ou menor grau, escrutiniza o paradigma contemporâneo das mídias face o contexto político. A vertente da ecologia das mídias, em vista disso, dá contorno à forma, enquanto a teoria dos gêneros de Charaudeau (2018) esmiúça os sentidos; um situa no tempo-presente e o outro dilucida as idiosincrasias do objeto. Do contrário, corre-se o risco de a investigação perecer em anacronismo, descolando-se da concretude dos tempos atuais.

Em um primeiro momento, nota-se que a “*live de quinta*” possui algumas características camaleônicas, isto é, diferentemente de um *talkshow* ou de um telejornal, o cenário está sempre suscetível a mudanças sem aviso. Percebe-se que os cenários variam desde ambientes formais (como salas oficiais, como o Palácio da Alvorada e salas de fundo branco) até ambientes mais familiares (como residenciais), como pode ser visto nas imagens abaixo:

Figura 1 - Reprodução do site El País Brasil. Captura de quatro *lives* diferentes.¹⁸Figura 2 - Reprodução do jornal O Globo. Captura da *live* feita na sala de estar de Bolsonaro.¹⁹

Além do ambiente, estão sempre dispostas várias folhas de ofício espalhadas pela mesa. Durante a *live*, Bolsonaro aparenta se guiar por elas, recorrendo à leitura de algumas. É importante, ademais, ressaltar que o presidente da República está sempre centralizado no enquadramento e, além disso, só há uma câmera para a filmagem. Como não existem intervalos (comerciais ou não), o “programa” corre ininterruptamente sempre com o mesmo enquadre.

Um dos fatores que sublinha o caráter formal das *lives* de Bolsonaro é a presença de tradutores simultâneos de Libras – algo que é obrigatoriedade em manifestações oficiais.²⁰ Mais do que isso, os convidados das *lives* são sempre representantes de cargos do executivo (como ministros), cargos técnicos (como médicos ligados a iniciativas do governo) ou de

¹⁸ Ver em < <https://oglobo.globo.com/brasil/informalidade-de-bolsonaro-marca-nova-estetica-de-poder-23210038> >.

¹⁹ Ver em < <https://oglobo.globo.com/brasil/informalidade-de-bolsonaro-marca-nova-estetica-de-poder-23210038> >.

²⁰ Ver em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=840991>.

cargos legislativos (como deputados). Em contrapartida, em algumas das “lives de quinta” se verifica que há canecas do veículo Jovem Pan Brasil e elementos como a bandeira do Brasil colada com fita isolante na parede (ver Figura 1 e Figura 2). Isso remete a uma informalidade, como uma cenografia improvisada, sem produção – diferentemente da “indumentária cenográfica” profissional vista nas outras mídias.

Torna-se perceptível que o objeto empírico flutua de maneira paradoxal entre aspectos formais e informais. Diferentemente do que pode parecer, este é um canal de comunicação da pessoa Jair Bolsonaro e não do cargo que ele ocupa. No entanto, apesar de evocar aspectos informais, trata-se de um espaço para manifestações oficiais destinado a alcançar seu eleitorado. É exatamente por isso que tantos agentes políticos entram em cena como convidados – e aqui enfoca-se o ambiente temático. Não são escolhas casuais, quando há crise em seu governo, a *live* vira o espaço para uma argumentação, justificativa e/ou polemização de algum tópico – especialmente pois o que é afirmado nesse espaço reverbera nos principais portais de notícia do país (como é possível notar ao observar as seções de política de Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo e UOL).

O formato de conteúdo remete a um monólogo. Na maior parte do tempo, é possível perceber que a estrutura de narrativa é baseada em longas falas de Bolsonaro sobre diferentes temas – mas com presença muito maior de pautas ligadas à economia, à política e a seus desafetos pessoais (com imprensa, políticos etc.). A participação de seus convidados é restrita a poucos minutos após brechas sinalizadas pelo próprio Bolsonaro. Mais do que isso, os convidados foram todos membros do governo ou membros da base aliada do político Jair Bolsonaro.

Em essência, portanto, o gênero afasta-se de debate e da conversa, visto que o fio-condutor é quem rege as manifestações e há a concentração em si mesmo e em suas ideias – não havendo espaço para discordantes. Além disso, por possuir um formato linear, onde as trocas entre convidados acontecem sem cortes, os temas acabam divididos nestas falas alongadas de Bolsonaro – o que acarreta que eles sejam abordados mais de uma vez na mesma edição da *live*.

Pensar nesta configuração como um possível novo gênero discursivo pode se situar numa área cinzenta dentro da teoria proposta; mesmo assim, podem ser notados algumas similaridades com o telejornal e o *talkshow*. De modo que a postura de Bolsonaro (ainda que bastante informal, pois faz brincadeiras, usa de ironias, ataca desafetos) compartilha de características do âncora de telejornal e do apresentador de *talkshow*. Está nele a

responsabilidade de chamar as pessoas ao palco que é a “live de quinta”, tal qual está a incumbência de analisar, comentar e opinar sobre os temas que ele mesmo evoca durante todas as edições. Ademais, Bolsonaro age como uma instância intermediária do discurso entre meio e público, seus convidados dirigem-se para ele e ele para a câmera (além, claro da/o intérprete de Libras).

Charaudeau (2018) destaca em passagens o papel do âncora/apresentador como uma ferramenta que provoca o sentimento de intimidade com o público. Além de ser a figura de maior familiaridade no telejornal, são estes profissionais que saúdam e, de certo modo, intermediam a relação entre repórteres e público. Nessa lógica, Bolsonaro age como um animador de si mesmo, trazendo ao debate pautas que incendeiam ou não seus comentários. Ora optando por uma abordagem mais calma e de tom informal, ora escolhendo uma fala mais truculenta, com menos calma, mais virulência. Por conta do baixo teor de similaridades com os gêneros do discurso midiático, não há possibilidade de encaixar este formato nos já existentes. Resta, portanto, pensar a *live* política como um gênero à parte.

Em resumo, o fenômeno das *lives* feitas semanalmente por Jair Bolsonaro são um sintoma e uma marca do cenário político em sua versão mais contemporânea. Como discutiu Levinson (2019), e suas reflexões sobre o cenário estadunidense sobre televisão e SRS, trata-se de um domínio maior da classe política sobre as ferramentas digitais. À medida que os agentes do campo se apossam dos dispositivos, eles encontram (como é o caso) formas para dar uma nova dinâmica ao seu próprio discurso.

Logo, pode ser dito que Bolsonaro sofisticou seu método de comunicação por buscar um meio que simula a falta de mediação entre ele e seu público. Os tons informais corroboram esta pseudo intimidade entre ele e a audiência da mesma forma que este uso das *lives* é consoante a seu discurso contra a imprensa, uma vez que ele entende o ambiente virtual como principal espaço de disputa midiático e a imprensa como secundário. Deste modo, a “live de quinta surge como um programa virtual que enterra sua bandeira em um território digital: sua periodicidade é semanal e ininterrupta, o conteúdo é de fácil acesso e perene em suas redes sociais. Isto, ao mesmo tempo, aproxima e diferencia este novo gênero dos produtos tradicionais da imprensa. A regularidade e o tema (o cenário político contemporâneo brasileiro), que podem também ser percebidos em produtos radiofônicos e televisivos, não possui cenário fixo, tempo determinado, intervalo comercial.

Finalmente, entende-se que a *live* política exemplificada aqui pela “live de quinta” de Jair Bolsonaro é um gênero midiático que emerge no espaço social virtual (desde a década de

2010) e difunde-se em outras mídias ao passo que ocorra repercussões. Justamente por isso, propõe-se aqui pensar ela tendo duas características centrais que a distingue dos demais gêneros de informação midiática. Deve-se ter em mente que as características definidoras deste gênero estão nas mídias como **palco de si mesmo** e na figura central como **o fio-condutor**. Estes dois atributos são determinantes, porque o meio (a *live* transmitida e armazenada em redes sociais) acaba por ser significativamente centralizado na figura de um sujeito. Todo o formato se organiza em torno deste sujeito e ele controla o que e como deseja argumentar sobre temas políticos. Como não há espaço para discordância, o núcleo duro do discurso é essencialmente composto por suas crenças e opiniões políticas. O caso da “*live* de quinta”, onde o foco é estampar a personalidade.

7. CONSIDERAÇÕES

Como foi possível observar, discutiram-se diversos conceitos de diferentes matrizes teóricas. Ainda que muito longe de dar um ponto final na discussão, entende-se que é necessário pensar como o novo uso das mídias tem sido realizado por agentes políticos – e de que maneira é reconfigurado concomitantemente aos novos capítulos da história política, como trazido no restante do trabalho e por Levinson (2019).

Ainda que Charaudeau (2018) não tenha feito o movimento de aproximar suas contribuições da Análise do Discurso à Ecologia das Mídias, notou-se serem correntes bastante complementares para debater e compreender novas facetas do discurso político-midiático na contemporaneidade. É a partir da teorização de gêneros do teórico francês que é possível debater o significado de um gênero midiático no processo comunicacional e no processo de construção de sentido. Sendo assim, a contemporaneidade traz à tona a necessidade de realizar esta aproximação como uma tentativa de entender como as ferramentas das mídias mais novas estão sendo utilizadas.

O caso de Jair Bolsonaro é profundamente ilustrativo por apresentar escancaradamente uma forma de materializar seu discurso em um meio. Ele adentra o palco de si mesmo para ser o fio-condutor das suas próprias opiniões num programa ininterrupto. Em razão destes aspectos, compreende-se a importância de considerar *lives* políticas como um novo gênero midiático, pois elas demarcam um ecossistema que o construto discursivo é um sinônimo do meio, no qual o meio é, cada vez mais, a mensagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, abr. 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 abr. 2021.
- ALVES DOS SANTOS, Marcelo. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e da polarização do Brasil entre 2013 e 2018**. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ARRUDA, Robson Lima. O negacionismo como artefato da pós-verdade: Bolsonaro, a pandemia e a educação. **Boletim da Conjuntura (BOCA)**, v. 5, n. 15, Boa Vista, 2021.
- ART, Henry W. **Dicionário de Ecologia e Ciências Ambientais**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- AVRELLA, Bárbara; CARVALHO, Cristiane Mafacioli. Ricardo Boechat: uma análise de discurso do jornalismo no rádio e na televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, v. 15, n. 1. Jan./jun. 2018.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Revista de Economia Contemporânea.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, ago. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482017000200209&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/198055272129>.
- CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo, Editora Todavia AS, 2018.
- CEPÊDA, Vera. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, v. 23 n. 2, p.75-122, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. Disponível em <www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- DEUZE, Mark. **Media life**. Cambridge: Polity, 2012.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, 2019.

LEVINSON, Paul. McLuhan na era das mídias sociais. *In*: STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à Ecologia das Mídias**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 2019.

MACHADO, Janaína Marissol dos Santos. **O protesto social contemporâneo: o engajamento político via redes sociais no Brasil a partir de 2013**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix: São Paulo, 1993.

POSTMAN, Neil. What is Media Ecology? **Media Ecology Association**, 1970. Disponível em <<https://media-ecology.org/What-Is-Media-Ecology>>.

POSTMAN, Neil. The Humanism of Media Ecology. **Proceedings of the Media Ecology Association**, Volume 1, 2000. Disponível em: <<https://www.media-ecology.org/resources/Documents/Proceedings/v1/v1-02-Postman.pdf>>.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no ambiente conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOLANO, Esther. La bolsonarización de Brasil. **Documentos de Trabajo IELAT**, v. 1, p. 1-40, 2019.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à Ecologia das Mídias**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 2019.

VISCARDI, Janaisa Martins. *Fake news*, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trab. linguist. apl**, v. 59 n. 2, mai.-ago. 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/?lang=pt>>.



Original recebido em: 17 março 2022

Aceito para publicação em: 21 de julho de 2022

Arthur Freire Simões Pires

Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Vegetariano, latino-americano e camusiano. Acredita que, tal qual escreveu Albert Camus, "calar-se é deixar que acreditem que não se julga nem se deseja nada, e em certos casos é, na realidade, nada desejar".

Cristiane Mafacioli Carvalho

Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS, 2004), Mestra em Comunicação (UFRJ, 1999) e publicitária (FAMECOS/PUCRS, 1994), é professora da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS (FAMECOS), onde atua no curso de Graduação em Publicidade e Propaganda e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

